

O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II.

Quele Oliveira de Jesus

quelegeo@hotmail.com¹

Antenor Rita Gomes

antenorritagomes@gmail.com

Resumo

O ensino da Geografia na contemporaneidade vem passando por diversas inovações, diante da reflexão do papel da escola na sociedade, bem como pelas transformações que vem acontecendo no cenário socioespacial nas mais diversas escalas. O presente artigo tem como objetivo, relatar as atividades realizadas nas aulas de Geografia do ensino fundamental II, durante o projeto “Canudos: Múltiplos olhares sobre o sertão baiano” realizado no segundo semestre de 2015, com alunos do 7º ano, de um colégio da rede particular na cidade de Jacobina – Ba, bem como perceber a importância do uso da fotografia como artefato pedagógico. Constatou-se o potencial que a fotografia exerce na sala de aula para a compreensão dos conteúdos geográficos e conseqüentemente, compreensão do espaço em que vivemos e suas potencialidades.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Fotografia.

Introdução

O ensino da Geografia na contemporaneidade vem passando por diversas inovações, diante da reflexão do papel da escola na sociedade, bem como pelas transformações que vem acontecendo no cenário socioespacial nas mais diversas escalas. Significa dizer que atualmente, no ensino dessa disciplina, não há uma preocupação preeminente com a formação da identidade nacional, ou simplesmente, com a delimitação, descrição e localização físico-geográfica de determinada região, Estado ou país.

Outras necessidades aparecem no debate sobre a função do ensino da Geografia a partir da expansão do capitalismo, resultando em discussões acerca de novas configurações. De acordo com Vesentini (2007, p.7-8).

¹Professora da Educação Básica pela Prefeitura Municipal de Umburanas – Ba ,Mestranda em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade – PPED –UNEB.



Um dos grandes desafios nesse novo século diz respeito ao papel da escola na sociedade: as suas relações com a cidadania – que também se define com a globalização e com a criação/expansão de novos direitos: das mulheres, das crianças e dos idosos, de minorias étnicas ou de orientação sexual, e um ambiente sadio etc. Ela deve procurar desenvolver nos educandos, que tipo de relação deve manter com as comunidades nas quais existe e das quais é parte integrante.

Dentro deste contexto, o ensino de geografia tem o papel de conduzir o aluno à compreensão do espaço que habita, cabendo ao professor à tarefa da mediação do conhecimento para a formação de um cidadão crítico e atuante, consciente de si mesmo e da sociedade a qual faz parte.

Segundo Cavalcanti (2010, p.33). “[...] a geografia trabalha com conceitos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas e em geral elas possuem representações sobre tais conceitos”. Mostra-se necessário que nas aulas de Geografia busque a valorização das experiências dos alunos, incentivando a aprendizagem e o desenvolvimento crítico a partir da contextualização e de situações desafiadoras em sala de aula.

No entanto, nos dias de hoje ainda é perceptível que o modelo tradicional persista nas aulas de Geografia, em muitas escolas, no qual os professores transmitem os conteúdos de forma meramente descritiva e descontextualizada, tendo como instrumento de ensino apenas o livro didático, que na maioria das vezes não estabelece relação com a realidade vivida pelo aluno. Oliveira (2012, p.137), afirma que “o livro didático tornou-se a “bíblia” dos professores” e conseqüentemente muitos desses profissionais passam a ser um mero reproduzidor dos conteúdos dos livros didáticos. Não queremos aqui reforçar a ideia de que o livro didático é ruim, pelo contrário, ele quando bem explorado pode-se tornar um bom aliado durante as aulas, porém há inúmeras ferramentas que podem ser agregadas ao processo de ensino que pode conseqüentemente gerar uma aprendizagem mais significativa.

Partindo dessa premissa e por acreditar na necessidade de se inserir novas metodologias de ensino que tornem as aulas de Geografia mais prazerosas e significativas, este artigo tem como objetivo relatar as atividades e experiências vividas durante a realização do projeto intitulado “Canudos: Múltiplos olhares sobre o Sertão baiano”, realizado no segundo semestre de 2015, com alunos do 7º ano do ensino fundamental II do Colégio Oásis, rede particular, na cidade de Jacobina-Ba e o papel que a fotografia exerceu para a construção de uma nova visão da realidade.

O projeto teve como objetivo buscar desconstruir a ideia criada pela mídia, livros, internet de que o sertão baiano é um lugar pobre, atrasado, improdutivo, sem beleza e perceber como os registros fotográficos foram importantes para a melhor compreensão da realidade. A proposta é fruto das discussões e relatos dos alunos nas aulas de geografia sobre a região nordeste, no qual em vários momentos reproduziam discursos deturpados sobre o potencial natural, econômico, cultural e histórico da região.

Vale ressaltar que este artigo é fruto desta atividade realizada em sala de aula e de prazerosas discussões feitas durante o componente Cultura Visual do Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia- (UNEB), Campus IV Jacobina, no qual se refletiu a importância da imagem para a educação e a fotografia como um artefato para este processo.

A Fotografia como artefato pedagógico.

É Inegável a importância da imagem na contemporaneidade e seu poder na construção da percepção de mundo dos indivíduos. Para Nunes (2010, p.46) “as imagens estão presentes em nossa vida cotidiana, construindo maneiras de perceber o mundo”. Imagem essa, difundida através dos meios de comunicação e que tem o papel de auxiliar na compreensão do mundo e seus acontecimentos. A depender do objetivo de seu uso, ela pode servir para alienar ou democratizar o sujeito. Para Sontag (1933), “existem à nossa volta muito mais imagens que solicitam nossa atenção”. Elas estão espalhadas cotidianamente em nossas vidas e que podem até passar por despercebidas em um determinado momento.

O homem, desde seu surgimento teve a necessidade de registrar sua passagem pelo mundo, e os desenhos rupestres no interior das cavernas exemplifica bem essa necessidade, porém, com a evolução da humanidade, evoluiu também as formas técnicas de registrar e armazenar essas imagens das ações antrópicas no meio.

Dos mais variados artefatos onde a imagem está presente, Oliveira (2017.p.21) diz que “[...] a fotografia foi e continua sendo um importante recurso visual [...] eficaz na formação de identidades, materializando em si mesma uma visão de si, para si e para o outro”. Surgida no século XIX, a fotografia passou a ser fundamental no registro das realizações humanas, pois como afirma Niqueli e Asalim (2016) a fotografia “tem a capacidade



de mostrar o espaço e captar o tempo”, possibilitando assim compreender o que está a nossa volta.

Fazer uso da fotografia como artefato pedagógico nas aulas de Geografia, abre um leque de possibilidades diversas para compreender essa ciência tão complexa que tem o espaço e suas manifestações como seu objeto de estudo, entendido por Santos (2008.p.39) como “um sistema de objetos e um sistema de ações”, que são indissociáveis e que, além disso, é:

[...] solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina.

A Geografia, enquanto disciplina escolar tem o papel de tornar o mundo e suas relações de forma mais compreensível para os alunos, sabendo relacionar e interagir natureza e sociedade de forma harmônica e coerente. Para isso, é preciso revelar a verdadeira função da Geografia, e sua importância enquanto disciplina na formação do sujeito crítico e atuante, desmascarando uma disciplina maçante, decorativa e enciclopédica, que enaltece a repetição e reprodução de dados em detrimento da compreensão e do entendimento, motivando a falta de interesse dos estudantes pelas aulas.

Para Straforini (2008), o ensino de Geografia estando preocupado com a supervalorização da memória e com a quantidade de conteúdos, apresentando-os de forma estática e absolutizada, não permite a participação concreta do aluno na construção do conhecimento. O autor explica que:

Esse processo, de certa forma, leva a uma paralisia da atitude crítica do aluno e reforça, cada vez mais, a incapacidade do estabelecimento de reações entre os conhecimentos adquiridos, sem evidenciar as condições socioeconômicas, culturais e históricas da realidade social. (STRAFORINI, 2008, p.62)

Portanto, vê-se necessário pensar em novas linguagens que contribuam para formação crítica e compreensiva do mundo que nos cerca e a fotografia pode contribuir significativamente para isso. percebe-se que a forma com as imagens são utilizadas no ensino de geografia está ligada intimamente com o uso do livro didático, mas com os avanços das discussões sobre o

uso de novas linguagens e a inserção de novas metodologias no ensino, estão permitindo que as imagens deixem de ter função puramente ilustrativa e façam parte da vida dos alunos de forma interpretativa da realidade, permitindo-os um novo olhar.

Kozel e Filizola, 2009 afirmam que tanto o professor quanto os alunos podem ser os próprios fotógrafos e usarem essas imagens de acordo com seus pontos de vista. De acordo com os PCN (BRASIL, 1997) é necessário que o professor analise as imagens na sua totalidade, procurando contextualiza-las em seu processo de produção. Desta forma os conteúdos trabalhados na disciplina passarão a ter mais sentido para os alunos nas atividades propostas.

Apresentando a proposta: Projeto Canudos: Múltiplos olhares sobre o sertão baiano.

O Projeto Canudos: Múltiplos olhares sobre o sertão baiano, foi realizado no segundo semestre de 2015, no colégio Oásis de Jacobina, localizado na R. Cel. João Viêira nº 38, bairro Leader, na cidade de Jacobina – BA, há 339,4 km da capital baiana. Como apresenta no mapa abaixo.

Localização da cidade de Jacobina - Ba



Fonte: Google imagens, 2019.

O colégio faz parte da rede particular de ensino da cidade, oferece como modalidades de ensino o Ensino fundamental II , Ensino Médio e cursos de pré vestibular.

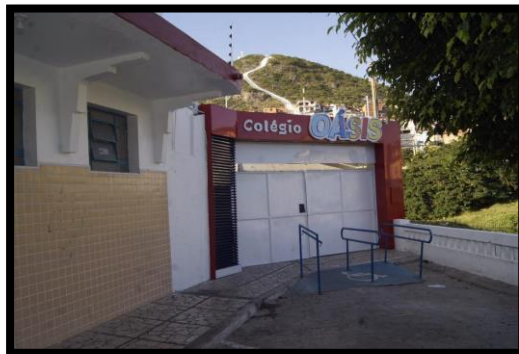


Figura 1: Fachada do Colégio Oásis de Jacobina.
Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

O projeto teve como objetivo descolonizar a ideia construída pela mídia, livros, internet de que o sertão baiano é um lugar pobre, atrasado, improdutivo e sem beleza. Segundo Albuquerque Junior:

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região.” (199, p.307)

É tentar sensibilizar a turma para um novo olhar para a nossa região Nordeste e buscar encontrar as potencialidades de um local rico, diversificado e de um povo cheio de conhecimento e esperança. A proposta foi desenvolvida para a turma do 7º ano fundamental II, que estudavam a região Nordeste e que em vários momentos reproduziam discursos deturpados sobre o potencial natural, econômico, cultural e histórico da região, reflexo do que viam e ouviam nos meios de comunicação.

Inicialmente foi solicitado que os alunos representassem por meio de gravuras a visão que eles tinham sobre o Nordeste. Imagens de solo ressequido, cactos, famílias saindo da zona rural e pessoas com semblante de desnutrição, foram as que mais apareceram na atividade. E quando questionados do porque da escolha, várias explicações surgiram, e dentre elas, destaca-se:

“ Professora. Foi só isso que eu achei no livro!”(Aluna A, 2015).

“ Mas, o nordeste não é assim? seco!” (Aluno B, 2015).

“ Eu sempre vi na televisão que lá no nordeste o chão é rachado” (Aluno c, 2015).

Diante dos discursos apresentados pelos alunos, é possível perceber a imagem que é vendida da região nordeste nos livros didáticos, livros estes produzidos na sua grande maioria nas regiões Sul e Sudeste, e a não percepção regional no discurso do aluno c, em entender que o Nordeste é em outro lugar muito longe da realidade dele.

A partir daí nasceu à preocupação de tentar desmistificar essa visão de que tinham do nordeste e ajudar a compreender que estavam na mesma região e que esta possui características morfoclimáticas diferenciadas, que é o que permite os lugares terem climas diferentes e que isso influencia bastante nas condições de vida das pessoas.

O intuito não era apenas compreender a região nordeste em seus aspectos físicos, mas também culturais, buscando valorizar o povo sertanejo que luta pra ter uma vida digna, mesmo em meio às adversidades naturais, políticas, econômicas e culturais. Já afirmava Cunha (1985) em sua obra Os Sertões: “O sertanejo antes de tudo é um homem forte”. E por buscar a valorização do sertanejo por suas lutas diárias a cidade de Canudos na Bahia, foi escolhida para ser palco do projeto, uma vez que a mesma foi cenário de uma grande guerra de cunho político no período de (1896 a 1897) e a força da população em se reerguer numa “nova Canudos” e na tentativa e de manter viva a história de seu povo.

Durante as aulas que antecederam a visita até a cidade de Canudos, foi feito um estudo sobre os aspectos, socioculturais, econômicos e naturais da cidade, além de entender os motivos da guerra e suas consequências a partir da exibição do filme “Guerra de Canudos”, no auditório da (UNEB) em Jacobina, como mostra na figura abaixo:



Figura 2: Exibição do filme “Guerra de Canudos” e capa do filme.
Fonte: Arquivo pessoal, 2015 e Google imagens, 2018.

Assistir o filme empolgou a turma a conhecer a “Nova Canudos”, além de começarem a ter novos discursos sobre as motivações da guerra, conseguindo perceber o jogo de interesse do governo pelas terras da cidade. No final da exibição realizamos uma roda de conversa sobre as compressões dos pontos de análise

A próxima etapa do projeto consistia em conhecer onde tudo aconteceu e uma das atividades recomendadas era que cada aluno fotografasse com seus celulares ou câmeras fotográficas as suas percepções sobre o local, seu povo, cultura, história, etc.

Em Canudos...

O roteiro da viagem era conhecer o Memorial e o Parque Antônio Conselheiro, ambos de responsabilidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus de Euclides da Cunha – Ba, bem como conhecer a plantação de banana irrigada que é o sustento de muitas famílias da cidade. Lá os alunos tiveram a oportunidade de fotografar livremente, conversar com moradores e explorar o máximo da cidade.



Figura 3: Centro cultural de Canudos
Fonte: Arquivo pessoal, 2015.



Figura 4: Sistema irrigado na plantação de bananas
Fonte: Arquivo pessoal, 2015.



Figura 5: Exportação da banana



Figura 6: Parque Antônio Conselheiro

Fonte: arquivo da turma, 2015.



Figura 7: Memorial Antônio Conselheiro
Fonte: Arquivo da turma, 2015.

Fonte: aluno 2, 2015.



Figura 8: Monumento Antônio Conselheiro
Fonte: Arquivo da turma, 2015.

Voltando Para Casa...

Após dois dias em Canudos, o retorno para Jacobina foi cheio de satisfação e muitos registros fotográficos. Para Sontag (1933) “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder.” A turma estava ansiosa para compartilhar as experiências vividas e principalmente, revelar as fotografias.

Como culminância do projeto, foi realizada no pátio do colégio uma exposição fotográfica que teve como tema “Entre Olhares”, que ficou aberto a visitação por uma semana.





Figura 4: Exposição fotográfica “Entre Olhares”
Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Durante a exposição foi reservado um momento para que os alunos relatassem para as outras turmas a experiência vivida nesses dias e nos vários discursos feitos, podemos destacar:

“ Eu não queria ir, mas depois que fui quero voltar. Quero voltar de novo, eu vi muita coisa legal, o povo de lá é guerreiro, lá não chove muito e mesmo assim eles sobrevivem do que a terra dá[risos]”. (ALUNO D, 2015)

“Gostei muito, a viagem foi boa, gostei do parque, do museu, de tudo! O nordeste tem muita coisa que a gente num sabe.”
(ALUNO E, 2015)

“Nunca imaginei que na Bahia teve uma guerra!!/[espanto] Gostei muito da viagem.” (ALUNO F, 2015)

“Ah! Eu gostei, tirei uma foto massa, pensei que não ia ter nada lá.” (ALUNO G, 2015)

Mediante os discursos dos alunos, pode-se perceber uma mudança de olhar sobre a região nordeste a partir do que foi vivenciado por eles, durante os relatos, é possível perceber o “não dito” do discurso, proposto por Orlandi (2005). Um não dito carregado de identidades, ideologias. É possível observar um avanço dos alunos se comparado com os discursos iniciais

da atividade, onde relataram um nordeste cheio de problemas e que no momento da experiência com o lócus, muitos deles se permitiram ver uma região de possibilidades.

E as fotografias foram testemunhos Sontag (1933), dessa mudança no olhar, pois a exposição estava repleta de imagens que representavam a natureza numa perspectiva de beleza, fotos do cotidiano dos moradores, monumentos, etc. e não a visão inicial de pobreza, solo ressequido, desnutrição que é uma realidade de algumas partes do nordeste brasileiro, mas que não pode ser representado apenas por esse viés, uma vez que a região tem uma variedade natural e cultural e que precisa ser valorizada e entender a importância de implantação de políticas públicas.

A maneira como os alunos foram avaliados nessa atividade foi um ponto importante. Luckesi (2002), afirma que a avaliação é um recurso pedagógico necessário e de grande utilidade que auxilia tanto o professor quanto o aluno e cada na busca e na construção de si mesmos e dos seus melhores modos de ser na vida. Buscou-se constatar as aprendizagens dos alunos por meios dos relatos orais, escritos, fotográficos e o empenho na elaboração de cada etapa proposta.

Ao final do projeto os alunos foram presenteados com uma garrafa ornamentada pelas mulheres da comunidade artesã de Canudos, que usam a palha da banana como matéria prima em seus trabalhos. Como mostra a figura abaixo:



Figura 5: Artesanato de Canudos.

Fonte: Arquivo pessoal, 2015.



Vale lembrar que essas garrafas foram compradas com dinheiro arrecadado pela turma na venda de rifas e doces durante todo o desenrolar do projeto. Foi uma forma de engajar mais os alunos e valorizar o trabalho das artesãs, contribuindo com a economia local.

Considerações finais

Esse projeto trouxe excelentes resultados. O uso da fotografia como artefato pedagógico foi uma experiência exitosa e revelou que é uma linguagem visual importante, pois foi possível perceber o quanto a foto pode mostrar pelo olhar do fotógrafo muitas vezes aquilo que está despercebido, ainda mais quando os fotógrafos são os próprios alunos que acabam por revelar nas imagens que captam aquilo que possivelmente não diriam se fosse por outros meios escritos ou orais por exemplo.

Contribuiu bastante para que os conhecimentos geográficos que foram trabalhos durante o processo, pudessem ser entendidos de forma mais significativa e prazerosa.

Os objetivos traçados com o projeto foram alcançado e espera-se que esse estudo se caracterize como um meio de reflexão sobre o fazer pedagógico, e que sejam inseridos mais recursos imagéticos nas aulas de geografia, não meramente ilustrativo, mas que busquem a compreensão dos conteúdos geográficos e o mais importante à compressão crítica do espaço que vivemos para assim se ter um processo de ensino e aprendizagem mais exitoso.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de.. Recife: FJN, Ed. **Massangana**; São Paulo: Cortez, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto. **Teoria de prática do ensino de Geografia: memórias da terra**. São Paulo: FTD, 2009.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.



NIQUELE, Jane Gaspar; ASALIN, Gilmar Aparecido. **O uso de Fotografia o Ensino de Geografia: Uma experiência com os Alunos do sexto ano do Ensino Fundamental.** *In:* Cadernos PDE. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. V1. Paraná, 2016. Disponível em : <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_geo_unespar-paranavai_janelopesgaspar.pdf> Acessado em 20 de novembro de 2018.

NUNES, Luciana Borre. **As Imagens que invadem as Salas de Aula: Reflexões sobre Cultura Visual.** Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2010.

OLIVEIRA, A. U. de. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. *In:* _____

OLIVEIRA, A. U. de. (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Valter de. **Ofereço o meu original como lembrança: Circuito social da fotografia nos sertões baiano (1900-1950).** Salvador: EDUNEB, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli . **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço.** São Paulo; Editora da USP, 2008.

STROFORINI, Rafael. **Ensinar geografia:** o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2008.

SONTAG, Susan, 1993. **Sobre fotografia;** tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VESENTINI. José Willian. (org). O ensino de geografia século XXI. Campinas/ SP. Papyrus, 2007.[.rafia/article/viewFile/7327/4366](http://www.papyrus.com.br/rafia/article/viewFile/7327/4366)>. Acesso em: 15 março 2018.